

Tolerância zero ao protofascismo

RAYMUNDO DE LIMA*

A ascensão de Berlusconi na Itália, de J. Haiden na Áustria e de seu cínico Partido da Liberdade, a tentativa de encontro dos simpatizantes de Hitler no Chile cuja história foi manchada pelo fascismo de Pinochet; a tentativa de "limpeza étnica" e as atrocidades dos sérvios contra os kosovares, a atitude de Israel frente ao povo palestino, a recente medida imposta pelo Taleban que controla o Afeganistão obrigando a minoria não islâmica a usarem uma marca de 'não cristão' na roupa. Adiciona-se ainda, a intolerância contra imigrantes pobres na Europa e nos EUA, a escravidão e o genocídio de povos da África, ontem e hoje, também a atitude repressiva da China contra o povo do Tibet, o sistema de castas que ainda vigora na Índia, os afrodescendentes que são ínfima minoria nas nossas universidades, polémica acontecida na Conferência da ONU contra o racismo, em Durban, África do Sul, são alguns sintomas da movimentação política e ideológica de nossa época que preocupa qualquer pessoa minimamente informada sobre o que é e o que foi a experiência do ódio racista, nazifascista na Europa, no final da década de 30, atravessando toda 2a. Guerra Mundial. Atualmente, o retorno do ódio terrorista, inaugura uma nova modalidade de holocausto de inocentes, certamente um fascismo de fundo

messiânico que não quer tomar o poder mas destruir quem ocupa qualquer posição de poder e, por isso mantém-se inimigo invisível.

No entanto, observa-se que em nossa época muitos chamam indistintamente qualquer atitude autoritária de nazista ou de fascista. Na comemoração dos 500 anos de Brasil, o letrado presidente FHC qualificou de fascista a atitude do MST de tentar atrapalhar a festa. Nos anos 1970, era freqüente a direita pretender "queimar" alguém de projeção espalhando que ela era comunista, ou fascista, ou gay, e, hoje, no meio intelectual, chamar alguém de fascista por uma ou outra atitude que nem sempre merece tal marcação, causa constrangimento entre outras conseqüências.

Inicialmente, é necessário esclarecer que uma coisa é o nazismo e outra é o fascismo. Pela complementação histórica e ideológica de ambos, as vezes usa-se "nazi-fascismo" ou, ainda, fala-se de organização do estado nazifascista. Embora, muitos pensam o fascismo somente como um regime de Estado, hoje, ele está pulverizado nas relações humanas do cotidiano. Numa mesa-redonda em 1980, no Rio de Janeiro, o psicanalista Narciso Mello Teixeira sinalizou que o fascismo não é perigoso apenas quando se



* Professor do DFE-UEM e membro da BFC- Centro de Psicanálise, de Curitiba.



torna fascismo de Estado, mas também quando é praticado nas violências invisíveis e sem sangue que acontecem no dia a dia. É fato que, ninguém se responsabiliza pelo seu ato fascista. Ninguém gosta de assumir seu lado fascista - que inconscientemente qualquer um pode estar reproduzindo – porque há mecanismos psíquicos que vem em socorro, quer para renegar suas ideias, ou sentimentos ocultos, quer para sustentar um autoengano sobre um ato escapado em relação ao outro diferente.

Houve um tempo em que o fascismo fazia a apologia da guerra, do homicídio. Tudo lhe era válido, inclusive o derramamento do sangue, para se chegar ao poder. (Diferente do terrorismo que é sangrento e não tem projeto político de chegar ao poder). O protofascismo de nosso tempo pós-moderno mudou de tática. Em vez de visar o rápido efeito violento, o protofascismo é calculado em termos de micro violências cujos efeitos danosos acontecerão à médio e longo prazos; também está presente através do marketing (comercial ou da fé religiosa) onde manipula o desejo das pessoas, (o espaço religioso fundamentalista é o solo fértil do protofascismo atual) mas também ele goza em pulverizar o mal-estar entre pessoas, semear a confusão de ideias, fazer da contradição e do paroxismo um empreendimento de efeitos hipnóticos. Ou seja, há uma única maneira de ser nazista, mas há várias maneiras de ser fascista.

Como identificar o protofascismo em nosso meio

Preocupado com a ascensão do fascismo na Europa, denominado de "nova direita", o pensador e semiólogo italiano, Umberto Eco, já em 1995, em artigo intitulado *A nebulosa fascista*, (*Folha de S. Paulo* - Cad. Mais! 14/05/95) propôs 14 pontos que visam distinguir o nazismo do "protopfascismo" na sociedade

contemporânea. (O "proto" refere-se aos sinais de um início ou os sintomas de ressurgimento do fascismo em nossa época).

A seguir, apresentamos 8 distinções entre ambos, baseados em U. Eco, S. Beauvoir, S. Sizek, entre outros da bibliografia consultada.

1). O nazismo tinha uma teoria das raças, do povo ariano naturalmente escolhido para mandar nos demais, era anticristão e seguia a filosofia materialista. Para Hitler, a decadência da civilização proviria obrigatoriamente do cruzamento de raças, portanto, sua solução era que a humanidade fosse dividida segundo as raças, onde haveria de fundar o *Übermensch* (super-homem). Seu regime político era necessariamente totalitarista. Já o fascismo mesmo não sendo inteiramente totalitário, era um sistema de força que deixava a população dividida, entre os partidários da truculência e os pressionados a passar para o lado dos fortes, senão seriam perseguidos. Tanto faz se o fascismo for de estado, de uma instituição, de grupos ou indivíduo, sua atitude é fundada na intolerância, na perseguição aos diferentes e termina gerando efeitos traumáticos sobretudo naquelas pessoas que são despossuídas de poder. A tolerância é uma virtude que "tem certos limites, que são os de sua própria salvaguarda e da preservação de suas condições de possibilidade" (Comte-Sponville, A., 1995, p. 173-89).

Assim como não se pode ser tolerante com o criminoso, também não se pode ser tolerante com quem é intolerante. Karl Popper, observa que há um paradoxo da tolerância: "Se formos de uma tolerância absoluta, mesmo para com os intolerantes [e protofascistas] e se não defendermos a sociedade tolerante contra esses assaltos [agressões, abusos de poder, terrorismos], os tolerantes serão aniquilados, e com eles a tolerância". Portanto, ser tolerante para

com o protofascismo e seus agentes - que são fundamentados na intolerância aos diferentes no modo de ser, de pensar e agir – é, pois se oferecer ao aniquilamento enquanto virtude e pessoa existente.

2). Um traço protofascista é o "culto da ação pela ação". A ação fascista é beligerante e carece de reflexão prévia, logo, é uma ação de fundo irracional ou passional e imprudente. O fascista não fala, age e faz discursos. Quer dizer, nele some a pessoa - que fala - para dar lugar ao discurso político em nome de alguma causa. O discurso que a engendra costuma vir em forma de razão e moral cínicas, de moralismo e legalismo positivista. Segundo S. Sizek, a "razão e a moral são cínicas" na medida em que eles sabem que fazem um ato mal, mas mesmo assim argumentam sobre a "justeza" e a "humanidade de seus atos". Sua denúncia não é baseada na justiça, mas no seu próprio sentido de justiça que visa prejudicar alguém, por vezes fazendo uso da delação, da palavra ferina, de insinuações e alusões e até pode usar de agressão física num momento de descontrole. (No caso do terror, a violência extrema é calculada racionalmente, portanto, não se trata de um ato louco, mas de um ato perverso). O protofascista, procura justificar que seu ato foi "para o bem coletivo...", "para evitar a decadência estética das artes...", "para evitar um mal maior" ou ainda como era freqüente nos tempos da ditadura: "para salvar a nação dos comunistas, da corrupção, dos gays", etc.

3). Enquanto o desacordo é sinal de diversidade, o protofascista pretende alcançar o consenso explorando o medo e a angústia das pessoas. O ambiente de trabalho, por exemplo, é lugar escolhido para gerar intrigas, divisões. Há estudos que trabalham com a hipótese de que espaços movidos pelo espírito protofascista produz mais esquizofrenias

paranóides que os outros. Assim como existem seres humanos "terapêuticos", que fazem bem aos outros, também há personalidades perversas que tem a capacidade de causar desarmonia social, desequilíbrio psíquico e atravancar o andamento de projetos, desenvolvendo: desconfiança, ressentimento, inimizade, sensação de pavor, de perseguição ou paranoia.

4). Não importa se a ideologia "oficial" do grupo é nazifascista, anarquista, ou até mesmo socialista ou ecologista, a tática protofascista pode intencionalmente ocupar todos os espaços para fazer sua política de "tudo vale". Os indícios vão desde slogans do tipo "Brasil: ame-o ou deixe-o" (lembra do período Médici?), também, posicionamentos do tipo "quem não está conosco, está contra nós" (comuns em assembleias de decisões). Por vezes, as atitudes moralistas ou legalistas "da letra" podem esconder interesses ocultos de ânsia pessoal pelo poder ou de gozo perverso em sustentar a atitude de beligerância.

5). A estrutura psíquica do protofascista tende a ser perversa e narcisista. "Perversa" porque são incapazes de amar outra pessoa e respeitar a lei que fundamenta a convivência humana e "narcisista" porque "acha feio o que não é espelho"; quanto patológico, o narcisista rejeita tudo que é diferente (ideias, opiniões, crenças, valores, modo de agir e de ser) e somente aceita o que é seu igual. Há patologia no seu ato de olhar que sempre acha alguém ou grupo como "mau". Para o nazista, o narcisismo está em atribuir a culpa de tudo de ruim na economia e na sociedade aos judeus. Hoje, o fascista pensa que aqueles que não se enquadram exatamente nas ideias, crenças e valores que ele acredita, devem ser queimados, eliminados socialmente ou fisicamente. A vontade de poder do nazismo e a intolerância do fascismo tem

repugnância pela compaixão ou empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro, de sentir-se na pele do outro e sofrer com ele. (O mesmo posicionamento do fascista acontece com o terrorista, com um diferencial: sua causa é o gozo místico que está acima da vida dele e de todos, não há compaixão, não há empatia, só fanatismo). É próprio da estrutura perversa e narcisista do protofascista: a dureza de caráter, a frieza de espírito, a indiferença, a secura no coração, a insensibilidade diante de um necessitado e sua tendência a falar mal dos que não se adequam à sua camisa de força moral. São os agenciadores das fofocas e da politicagem. Goebbels, o ministro da comunicação de Hitler, dizia que "uma fofoca é uma mentira que repetida várias vezes, terminam virando verdade".

6). O protofascista, acredita [delira] que está em marcha uma conspiração, uma rede secreta de conspiração. Os supostos inimigos podem ser os comunistas, os negros, os gays, as mulheres que estão subindo ao poder, todos aqueles que recusam a fazer pacto cego com ele, são vistos como os "do mau". Sua visão de mundo maniqueísta divide-se entre os que representam "o bem" e os que representam "o mau". Um fascista costumava dizer: "Quem não está do nosso lado é contra nós". É notável seu desprezo pelo pluralismo de ideias, a incapacidade pelo diálogo e debates de ideias. Eles pensam que estão sempre do lado do bem e da verdade absoluta. O protofascista vive a fantasia de ter sido eleito pelo divino para fazer o bem. Seu ideal e ação são messiânicos. (Nesse sentido, tanto os EUA, como os terroristas tem algo em comum: o messianismo delirante - escrevo esse adendo após os ataques de 11/09/01, em Nova York). Segundo U. Eco, os fascistas estão condenados a perder suas guerras porque são visceralmente incapazes de avaliar objetivamente a força do inimigo.

7). Para o protofascista, "não há luta pela vida, mas vida pela luta". Acredita que o homem é o lobo do homem, a vida é uma luta em que vencem os mais fortes. Vivendo em estado de guerra permanente, ele vê o pacifismo como fraqueza ou simplesmente um mal na sociedade atual. Umberto Eco chama de "complexo de Armagedon", porque há nele a crença de que haverá uma batalha final para derrotar de vez os inimigos, após o qual o movimento controlará o mundo. Após a "solução final", haverá uma *Era de Ouro*, o que contradiz com o princípio da guerra permanente no fascismo. Enquanto a *Era de Ouro* não vem, alguns poucos fascistas escolhem viver perigosamente o gozo da luta política. Mussolini, símbolo número um do fascismo, que se aliou a Hitler na 2a. guerra mundial e que acabou pendurado de cabeça para baixo, exposto à execração pública dos italianos, tinha como lema de vida "vivere periculosamente". Dizia: "Prefiro um dia de leão a mil de ovelha".

8). Para além das ideias de Umberto Eco, observamos que o protofascista é movido pelo esquizo-paranoidismo. Por exemplo, em casa tende a ser uma pessoa de convivência harmônica, aparentemente equilibrada, mas quando está com seu grupo de iguais ideológicos, entra em "transe grupal", isto é, alucina um campo de batalha onde se oferece aos imperativos da *Gestalt* do grupo, como um soldado, uma besta-fera agressiva, intriguenta, e suicida, enfim, abdica de sua identidade pela "causa" mítica. Alguém disse que tais pessoas são tomadas pelo "espírito de Torquemada" (inquisidor espanhol que mais matou em nome da 'santa inquisição') ou pelo "estilo Goering", o segundo homem após Hitler, que na intimidade era bonachão, amante das artes e da cultura, mas no trabalho colocou sua inteligência na invenção dos campos de concentração e no extermínio em massa dos não arianos. (Esse estado de



"transe" poderia ser coletivo e vingativo; uma vez que é puramente passional poderia causar efeitos extremamente imprevisíveis, tanto homicidas como suicidas. É só dar uma olhada na história das guerras).

Uma vez terminada a ditadura militar, no Brasil, de clara orientação fascista, lamentavelmente ainda sobrou seus efeitos camuflados entre diversos grupos sociais, tal como aquele que ensaiou um movimento separatista no sul do Brasil. Na convivência cotidiana, os protofascismos estão expressos nos assédios morais, nos discursos que desqualificam o próximo, nos atos de injustiça, nas bisbilhotagens dos grampos telefônicos, nas intrigas calculadas para prejudicar um colega de trabalho ou estudo, nas falas e atos provocativos de qualquer espécie, etc.

Diante do obscurantismo de nossa época, da esclerose de ideias e de valores, da mediocridade de pensamentos que não consegue dar conta de entender a complexidade de nossa época e, sobretudo, a ausência de sabedoria em todos os setores da existência humana, só nos resta ficarmos de plantão para prevenirmos em relação ao protofascismo individual ou institucional.

Ou seja, no cenário mundial contemporâneo, há indícios de aparecimento de um novo fascismo (o protofascismo) conforme apontamos no início desse artigo, projetando uma nova Auschwitz, ou outros novos movimentos movidos pelo ódio, que obrigam os diferentes a pregar no peito ou na alma suas ideologias tresloucadas, símbolos e atitudes de intolerância e de opressão do mais forte sobre os fracos.

Infelizmente, o fascismo, nazismo e o racismo estão entre nós sob inocentes

disfarces. (Já o terrorismo, pela sua própria natureza e modo cruel de expressão é de origem perversa e narcisista, gostando de se expor os seus efeitos e fetiches visando obter gozos "loucos" com o sofrimento dos outros).

Contra o protofascismo, o nazismo, o racismo e o terrorismo resta-nos mais que nos defendermos, rápida e eficazmente, desmascará-los, dismantelar sua armação homicida e suicida, que pode aparecer em qualquer momento e em qualquer parte do mundo. Nossa senha deve ser: "não esquecer, resistir, denunciar e sobretudo apostar na VIDA, sempre!!!".

Referências

- BEAUVOIR, S. O pensamento de direita, hoje. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- BECKER, S. A fantasia da eleição divina: Deus e o homem. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1999.
- COMTE-SPONVILLE, A. Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: M. Fontes, 1995.
- DOMENACH, J.M. Propaganda política. DEL, s. d.
- ECO, U. A nebulosa fascista. Folha de S. Paulo - Cad. Mais!, 14/05/95.
- FREIRE COSTA, J. Narcisismo em tempos sombrios. In: Percursos na História da Psicanálise. Rio: Taurus-Timbre, 1988.
- REICH, W. Psicologia de massa do fascismo. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- SIZEK, S. Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. O superego pós-moderno. In: Folha de S. Paulo- Cad. Mais!, 1999.

Filme:

- O ovo da serpente. de I. Bergman.
- Fascismo sem máscara. Um antigo filme soviético que revela os instrumentos de propaganda do fascismo.